RELIGIÃO E MAGIA.

Dorival Silva Schmitt

E' éste um título que, sem prejuízo algum, poderia ser substituído por outros igualmente expressivos e reais, embora mais ou menos genéricos, como, por exemplo: Direito e Avesso, Teocentrismo e Antropocentrismo, o Anverso e o Reverso. Mas, o que importa no momento, é o tema em seus valores essenciais, à luz dos conhecimentos científicos e, mais particularmente, etnológico de que atualmente se dispõe.

Ouvimos a êsse respeito as conferências pronunciadas pelo padre Boaventura na Universidade Pontificia e na praça pública. O ilustrado sacerdote limitou a questão, quanto possível, ao plano religioso, como era, aliás, de seu intento. E, em razão dessa circunstância, se viu na contingência de omitir aspectos, cujo conhecimento interessa aos que sinceramente desejam saber a verdade.

Para êsse fim, se impõe, desde logo, categorizar as espécies de crenças, tendo-se em mira seus objetivos e os cenários em que se constituem e desenvolvem.

As formas de crenças de que se tem ciência, até agora, podem ser reunidas em quatro grupos principais: religião, mitologia, magia e superstição; por onde se vê, antes de mais nada, que nem tôdas as crenças são religiosas no sentido restrito da palavra, embora, muitas vezes, se apresentem mescladas com elementos desta natureza, conforme haveremos de verificar.

Em linhas gerais, a religião é representada pelo conjunto de normas e convicções que conduzem o ser humano a crer no sobrenatural que se acha vinculado pelo nascimento e destinação. Para ela, a Criação é a causa causal (originante) do universo, cuja evolução deve normalmente conduzir ao seio do Criador, causa final (propensão para o bem, para o belo e para o perfeito). Ao homem é dado escolher entre as boas e más ações, decidindo-se, dest'arte, pela salvação ou condenação eternas. E o culto sagrado tem por objetivo precípua a comunhão com Deus e a homenagem àqueles que, por sua plenitude espiritual, se sublimaram até Ele, na suprema ventura da participação de suas mercês, mediante a convivência entre o ser criado e o increado.

Na mitologia, sob as formas de naturismo, animismo e fetichismo, o fim essencial consiste em satisfazer, através de soluções fabulosas, a curiosidade do homem sobre os problemas fundamentais de sua criação, finalidade, destinação, de explicação dos fenômenos da natureza, como a chuva, os ventos, as erupções vulcânicas, os movimentos dos rios e do mar, a claridade da lua, o calor do sol e o brilho das estrelas. Daí sua interferência no âmbito das ciências, das letras, das artes e das religiões; o que lhe tira, evidentemente, qualquer cunho religioso específico. Através dela, muitas civilizações têm sonhado com idéias, personagens e mundos fantásticos, criados e diferenciados pela imaginação. Tudo o que de infantil se pode conservar e cultivar no adulto se espraia e desborda numa infinidade de mitos extraordinários e maravilhosos: são animais e pedras que falam, árvores e rios encantados, homens que se tornam monstros, mulheres que se transformam em fadas, cavalos que voam, seres que se divinizam e deuses que se animalizam... E quando Sócrates, um dos maiores filósofos de todos os tempos, pretendeu afrontar o ridículo das crenças mitológicas de sua civilização, uma das mais notáveis de todas as épocas, foi irremissivelmente condenado a morte, já que os gregos não admitiam a possibilidade de abandonar as fórmulas simplistas que, pelo menos na aparência, resolviam todos os seus problemas! Que iriam

êles fazer da infinidade de deuses, demônios e oráculos instituído pela fantasia de seus ancestrais? Como explicar a criação do homem e do universo sem a presença de um Deucalião, de um Zeus etc.? Era inadmissível dissociar Cronos da aurora dos tempos; Apolo, da luz solar que aquece e vivifica; Minerva, da sabedoria de seu povo, simbolizada pelo Partenon e a Acrópole; Esculápio, da medicina; as Musas, dos poetas; Plutão, dos castigos eternos; e, enfim, toda a Mitologia, do seu próprio viver.

Para a mitologia naturista todos os seres do universo são animados; e a morte se opera quando o corpo é abandonado pelo espírito. O sol, equiparado ao Criador, se converte em centro de todas as crenças no âmbito material, social e espiritual; e, como reflexo dessa influência, se imagina uma côrte solar, representada pelos astros no céu e os patriarcas na terra. A lua e as mulheres são incondicionalmente subordinadas ao poder viril. Personagens de maior valia, como os Incas dos Andes, os Zipas da Colômbia, os Farás do Egito e os Rajás das Índias, eram mumificados ou expostos ao sol depois de mortos, para que seus corpos, sem se desintegrarem, pudessem deter o espírito que os animara em vida.

Sentido bem diverso tem a mitologia animista, segundo a qual os espíritos se deslocam das cousas e dos seres vivos, passando facilmente de uns a outros; de sorte que um mesmo corpo pode vir a ser animado por diversos espíritos. A lua representa o centro de todo o universo e as mulheres são consideradas senhoras dos povos, das sociedades e das famílias. Após a morte, é provocada a desintegração dos corpos o mais depressa possível, para que seus espíritos se afastem e desapareçam definitivamente.

Em ambas as mitologias, naturista e animista, o politeísmo degenera em panteísmo, a fim de que todos os seres possam ser explicados in gênero, espécie e, até mesmo, individualmente; um deus para cada coisa, fenômeno ou idéia!

No fetichismo tudo se esclarece através da influência das cousas que podem ser manejadas pelo homem; pedras,

seixos, conchas, madeira, argila etc. O céu, os astros, os rios e as montanhas aí não tem qualquer guarida. E a divinização desses pequenos corpos corresponde às formas mais rudimentares e degradantes de toda a mitologia.

A magia diverge da mitologia porque somente se preocupa com os aspectos religiosos da vida humana; e, mesmo, quanto a estes, se atém puramente a uma série de práticas, desprezando qualquer indagação teórica sobre as origens e destinação do Mundo e do homem. Para ela existe o sobrenatural, mas sujeito ao impacto de forças ocultas no ser humano. Mediante o emprêgo dessas forças (chamadas magia) podemos obter o bem ou provocar o mal, subjugando o que se haja por sobrenatural ou preternatural, sejam deuses ou demônios, espíritos do bem e do mal.

As forças utilizadas pelo magismo, na pessoa de seus titulares credenciados ou «mágicos», são agrupáveis em três categorias perfeitamente distintas, a saber: as que se baseiam na inteligência; as que se apoiam na vontade; e as que se inspiram no sentimento; donde sua tridivisão em magia intelectual, magia volitiva e magia sentimental ou emotiva. Assim é que, de acordo com essas crenças, o homem se torna capaz de tudo dominar pelo império da sua inteligência, vontade e sentimentos, convertendo-se em centro e único senhor do universo e do além. Esse condicionamento da natureza e do sobrenatural à espécie humana; e desta mesmo aos mágicos ou feiticeiros, convertem-nos em autênticas divindades que pululam pelas tabas, terreiros, macumbas, candomblés, linhas e batuques disseminados por todos os continentes da Terra, originariamente entre civilizações primitivas e primárias, com reflexos projetados no âmbito de culturas superiores. Sua estrutura e funcionamento, pelo que se viu, revelam a presença de crenças religiosas meramente caricatas, desprovidas de sentido e finalidades eternas. E', na verdade, a contra-facção da religião, a religião pelo avesso.

Com a superstição as cousas se passam de modo bem diferente do que acontece às demais formas de crenças, uma

vez que, naquele setor, nem as idéias, nem as práticas se relacionam umas às outras, segundo determinado objeto. Trata-se, com efeito, de aglomerado de credices isoladas, alimentada todas pelo espírito crédulo e temeroso dos homens sem formação intelectual e religiosa. Assim, se não presta quebrar espelhos, derramar tinta de escrever, viajar em sexta-feira ou entrar em casa com o pé esquerdo; e se faz bem ver um cavalo branco, tremer o olho esquerdo, dormir sem se virar e tantas outras cousas; nada disto interfere com as nossas idéias, os nossos propósitos e a preocupação com o que nos está reservado para além da morte. Muitas superstições se originam de tabus criados pelos pais, com o fim de conjurar perigos aos filhos ainda pequenos, passando, depois, a valer para os adultos que se portam como crianças grandes.

Nas civilizações em que avultam as crenças mitológicas, o magismo ou a superstição, jamais as encontraremos isoladas, ostentando as características que acabamos de assinalar; pois, a facilidade com que se deslocam e propagam os elementos da cultura espiritual faz com que rapidamente se misturem e interpenetrem, associando-se a crenças religiosas, instituições sociais e à própria vida material. Também é fora de qualquer dúvida que certas simbioses desse gênero conseguem se introduzir no âmago das culturas mais desenvolvidas, como é o caso dos calendários astrológicos trazidos para o plano da astronomia; das sociedades secretas masculinas, para a maçonaria; dos deuses lares, para o fogo simbólico; da divinização das colheitas, para a supervalorização da economia nos regimes capitalistas e comunistas; das cadências repetidas nos terreiros e macumbas, para o folclore de diversas nações modernas; e assim por diante.

Muitos cientistas e professores, aliás erroneamente, têm considerado o totemismo como tipo de crença e, até mesmo, como religião; motivo pelo qual, para extranheza de alguns leitores, deixamos de incluí-lo entre as que foram anteriormente analisadas. E não há muito tivemos de ouvir num curso de extensão universitária certas considerações sobre

as «religiões totêmicas», mas não sem protestar, é evidente! Para o que vamos dizer a êsse respeito, basta adiantar que o totem («A família» da língua dos chipevas da América do Norte) é representado por um corpo celeste, uma espécie mineral, vegetal e, mais geralmente, animal, havido como antepassado de um grupo, tribo, clã, família, sexo ou, mesmo, de um só indivíduo. Nessa qualidade, o totem animal, que é o mais comum, se converte em «símbolo social» para os que adotam sua égide; passam a constituir uma insígnia socialmente marcante. Daí decorrem prerrogativas a favor do totem por parte dos seus portadores; além de inúmeras instituições, como, por exemplo, a proibição do consórcio entre pessoas do mesmo totem; o seu emprêgo como estandarte ou bandeira; a dedicação de atividades que se avizinham às dêle; o hábito de pintá-lo ou gravá-lo na frente das casas e nas portas das aldeias.

Ninguém vai pretender negar, todavia, que as formas totêmicas existem mescladas com instituições religiosas, crenças míticas, mágicas e supersticiosas, circunstância cuja verificação se deve a uma interpenetração de elementos culturais que, nem por isso, justifica a confusão entre o que se distingue e caracteriza por si mesmo. Na cozinha da Guiné, por exemplo, a cocção de alimentos costuma abranger óleos e plantas sagradas, o que de modo algum significa que a culinária constitua um tipo de crença.

Apesar disto, cientistas da envergadura de Freud, Frazer, Durkheim dão significado totêmico ao manismo ou culto aos mortos (Manes, segundo Spencer), pelo qual os avoengos são divinizados e adorados, mediante a preservação dos corpos e a manutenção de objetos e alimentos junto aos túmulos, havidos como sagrados.

Realmente, esta é uma forma de crença, cuja existência, hoje em dia, ninguém pode contestar, mesmo entre os antigos egípcios, helenos e latinos da velha Roma. Outra coisa, porém, são as características basilares de que se revestem, por meio das quais um observador desapassionado e sem precon-

cepções pode facilmente situar-lhe as origens na mitologia naturista, onde a morte constitui algo de sumamente extraordinário e impressionante, em condições de polarizar as maiores atenções, máxime no tocante ao passamento dos entes queridos. De modo que a preservação dos restos humanos se inspira no respeito, amor e culto aos que deixaram êste mundo.

A presença de formas totêmicas nas crenças e rituais manistas se explica pela grande penetração dêsse elemento social da cultura nas velhas civilizações patriarcais.